

# SÍNTESE SÔBRE A FORMAÇÃO DAS NACIONALIDADES SUL-AMERICANAS

CEL. NEWTON REIS  
Oficial de EM

Houve uma seqüência, uma casualidade tangendo às descobertas os navegadores e levando-os, em um século, a decuplicar o mundo conhecido até então.

Atuaram criando essas forças de expansão marítima: o absolutismo monárquico superando o feudalismo rural, centralizando o que era fragmentário, em poderosos vetores; o capitalismo e sua forma mercantil — dando surgimento às cidades—estado, às urbes empório — impondo-se ao corporativismo; a renascença; a reforma; a ruptura do comércio entre o oriente e o ocidente tomada Bisâncio pelos turcos; uma nova técnica de marrear — a vela e o astrolábio.

Oportunidade e aventuras em escala nunca sonhada trouxeram profunda modificação à Europa centro-ocidental. Assim sucederá, neste ou no próximo século, quando a humanidade, vencendo óbices ainda existentes, lançar-se à conquista de espaço, perquirindo, não continentes mas outros mundos, devassando tôda uma galáxia.

Coube à Ibéria, em sua situação, uma vez mediterrânea e atlântica, buscar novos rumos ao oriente à cata das especiarias essenciais à dieta européia e a dos metais nobres necessários à monetização. Os portugueses — a longa formação de mareantes de Sagres — segundo o périplo africano, seguindo os passos dos nautas fenícios utilizados pelo faraó Nescal; e os espanhóis sôbre influências genovesas apoiadas em antigas idéias aristotélicas — contestadas pela igreja — acêrca da esfericidade da terra, improvisando-se ao mar em busca do nascente pelo poente.

Mais felizes, os lusos atingem as Índias e partilham a América.

Dêsse duplo arremeter sôbre o "mar oceano" resultou o singular dos limites das nações americanas terem sido definidos (Tordesilhas) antes delas virem a lume, e nesse aspecto o Brasil, mais tarde, beneficiou-se quando a união das duas coroas (1580-1640) lhe permitiu, transformando o tratado em letra morta, o cerrar mais tranqüilo sôbre os Andes e os grandes rios ao Sul.

Espanhóis e portugueses reproduzem na América do Sul a mesma situação topográfica de envolvimento; mas, curiosamente, a evolução política dos domínios castelhanos inverteu-se; enquanto lá caminhara-se para a união, aqui imperou o fragmentar em uma poalha de nações.



A América do Sul é um triângulo isósceles. Os Andes em seu sentido Norte-Sul constituem-se em coluna vertebral e separadores das vertentes marítimas. Os "nudos" e os "pasos" andinos concordantes às bacias amazônica e platina possibilitam as ligações entre as vertentes. A do Pacífico, pobre de articulações, é constituída por terras impenadas e íngremes de descenso brusco, correndo as águas no sentido longitudinal em apartados vales interiores. No Atlântico, o litoral, apesar de pouco articulado, quase sempre é baixo e grandes rios navegáveis interiorizam o oceano. O altiplano boliviano — centro geográfico ou continental — e o maciço central brasileiro, dividem as grandes vertentes atlânticas, a amazônica e a platina, separando-as ainda da longitudinal são-franciscana. Geologicamente ao arqueano brasileiro e guianense opõem-se o terciário andino e o quaternário das planícies; terras novas e velhas colmatadas, umas, senilizando-se à erosão, outras, constituindo-se, alteando-se e tomando forma ao impulso de fenômenos tectônicos ainda prevalentes e ao depositar de sedimentos. Ao extremo frio andino o calor amazônico, o contraste do NE brasileiro e da Patagônia. Os Andes e a Serra do Mar opondo grandes dificuldades aos transportes tão facilitados nos Pampas, nos Llanos, nos grandes rios navegáveis e no planalto brasileiro nas mercês especialíssimas das águas emendadas e dos rios que nascendo no litoral correm para o centro.

Em traços gerais essa a América, pouco a pouco revelada aos descobridores, apresentando por seus contrastes geográficos variada gama de possibilidades e paisagem humana diversificada em densidade e grau de civilização, variando do estágio altamente avançado dos Incas e dos seus lindeiros ao Norte e ao Sul (os chibchas e os diaguites) praticantes da agricultura intensiva e irrigada, possuindo organização social complexa e vertical, politeístas no venerar os astros como é comum aos agricultores, trabalhando os metais, estabelecendo estradas e uma economia comunitária; aos índios caçadores e pescadores da área do guanaco, esparsos do Chaco à Patagônia, monogâmicos; aos numerosos e pouco evoluídos índios da área da mandioca, brasileiros, paraguaios e uruguaios, compreendendo vários ramos, desconhecendo os metais e os animais domésticos, coletores uns, pequenos agricultores outros, pescadores ou caçadores, fetichistas, patriarcais e geralmente monogâmicos, guerreiros e nômades em fase migratória.

Possuísse o espanhol uma das qualidades colonizadoras que Gilberto Freire ressaltou nos lusos — a miscibilidade — o império Inca e seus afins teriam influído enormemente no tracejar dos rumos, mas, justamente as mais desenvolvidas civilizações indígenas, as aptas a uma ação comum, foram, de golpe, suspensas, passando a imperar pelo sistema de "repartimientos" ou "encomiendas", generalizada escravidão cujos resultados ainda estão patentes nas massas populares não adaptadas, que sem teres nem haveres, vegetam no triste pano de fundo demográfico dos países andinos, criando tensos problemas raciais e sociais.

Apesar do atraso dos indígenas brasileiros, eles, por miscigenação ao português gerando o mameluco, influíram em forte forma no pro-



cesso colonizador, imprimindo no nosso sertanejo técnicas de vida e aspectos psicológicos, e influindo na constituição social das Bandeiras, que foram uma organização tribal na mobilidade, na alimentação e na estóica forma de operar. A nossa toponímia, certa atitude individualista, o sentimento de liberdade, a desorganização no trabalho, a imprevidência e a suscetibilidade assim como o crer que o fato de "imaginar" leva ao resultado desejado, são os traços fortes de sua herança.

Enquanto Portugal, exaurindo-se na Índia e parco de povoamento, titubeava no aproveitar a nova terra, entregando-a inicialmente a donatários particulares, tentando transplantar o que dera resultado nas ilhas, a Espanha inicia o seu trabalho de desbravamento que pode ser sintetizado em três fases: a antilhana, estendendo-se inclusive à região do Panamá; a ampliação divergente para o Norte e o Sul — o México e Peru — ao enalço de nações e metais de que tivera notícia e, enfim, a expansão para o Chile e a ocupação do Rio da Prata. A interiorização nas regiões da prata e do ouro e das pedras preciosas é rápida. Joga-se o índio contra o índio e assim o império Inca transforma-se em enorme senzala; surgindo do altiplano para o Norte uma grande empresa mineradora da base do índio confinado, escravizado e dos "encomienderos" sairão os futuros caudilhos regionais.

Na Venezuela constitui-se a primeira grande empresa capitalista colonial — os Welsers — e o resultado é o mesmo: sujeição e desaparecimento do índio como nação organizada. Os metais mandados à Espanha o são em tal monta que, ao fim do século XVI, a quantidade de prata e ouro existente na Europa, à época de Colombo, avaliada em 4 bilhões, subira a 20 bilhões, influindo poderosamente no aumento da economia capitalista e no estímulo à especulação. Pouco interesse despertara explorar o resto do território; daí a conquista do Chile ser relativamente recente, opondo-se-lhe tenazmente os Araucânios, que deixaram assim um testemunho de seu alto valor. Mas como o "eldorado" situava-se no Pacífico e haviam os incômodos do transporte para o Atlântico através do istmo, procuram-se novos roteiros, descendo o Amazonas — Orellano — ou subindo o Rio da Prata — Buenos Aires e Assunção.

As dificuldades nos transportes entorpecidos pelas grandes distâncias e o modelado bruto do terreno, a diferença de interesses, mineiros nos Andes e criadores no Prata, os choques na fronteira Sul com o português, fragmentam o império colonial e do Vice-Reinado do Peru (criado em 1542) dissociam-se o Nova Granada (1717) e o do Rio da Prata (1776) e as capitanias gerais da Venezuela (1773) e do Chile (1778).

Os primórdios portugueses seguem rumo diferente. Não se encontrando desde logo os metais e pedras preciosas, ao invés de explorar, coloniza-se. Não há uma forte penetração e sim o diluir ao longo do litoral, de Olinda a São Vicente, tirando também partido das diferenças entre os índios e apoiando-se no pau Brasil e na cana de açúcar e seu



complemento natural: o gado para os engenhos. Não foi posse mansa e pacífica, recalçando-se o indígena para o interior e repelindo-se o entrelopo francês traficante de pau Brasil ou colonizador huguenote de São Luiz e Rio. Assim, as causas militares reforçam o expandir econômico litorâneo e a persistência das necessidades de segurança, em tempos pósteros, nos levam ao desbravamento amazônico, às lutas de Sacramento, à fundação de Pôrto Alegre à Príncipe da Beira.

Ao fundirem-se as coroas em 1580, no Brasil, além da ocupação costeira nos limites Olinda e São Vicente, as primeiras entradas — Salvador, Sergipe e Espírito Santo — haviam basculado o sertão e em São Paulo ao serem fundadas Itu, Sorocaba e Taubaté, estavam lançados os marcos iniciais do bandeirismo completador da nossa base física. Em síntese, esboçara-se uma aculturação litorânea agropecuária com pequena penetração sôbre as cabeceiras de tributários do Rio da Prata e processava-se intensa mescla racial.

No Pacífico, desenvolvera-se forte penetração andina de caráter mineiro e o recalque e abastardamento de civilizações ameríndias de alto valor.

De um lado a estabilidade agrícola em que, ao plantar o agricultor como que também se enraiza ao solo nêle apagando-se e a combinação das raças, indianizando-se o colono e europeizando-se os dependentes mesclados do índio. Na outra vertente, a violação da terra e do homem num escavar destruidor do solo e do braço, o alvião e o azorrague.

A coroa espanhola trouxe-nos compensações e desvantagens. Almejando a mão-de-obra indígena e pedras e metais nobres, transpusemos o limite de Tordesilhas ampliando o cenário geográfico. Mas atraíu os defrontantes dos espanhóis, em luta contra o seu poder e dêsses conflitos, o mais sério, pelo que representou em ameaça econômica e territorial, por sua duração e conseqüências, foi a guerra do açúcar contra os holandeses, cujos capitais financiadores foram frustrados, devido à luta entre Espanha e Holanda. Organizados em companhia de comércio, em uma típica ação colonial capitalista, apossaram-se das plantações (Brasil) e das regiões fornecedoras do braço escravo (África).

A primeira grande manifestação nativista, o início da formação de uma consciência nacional resulta dêsse embate, integrando-se como combatentes, colonos, índios, negros e mestiços, nordestinos e paulistas, empenhando-se a fundo, sem auxílio oficial, em finalizar a campanha.

A ligação terrestre via São Francisco e o devassamento da caatinga são, então, efetuados.

Apesar da força do impacto, o país ainda encontra energias para expandir-se, no Amazonas, no espraiamento criatório no São Francisco e no nordeste — colonizado do interior para o litoral e as mesnadas paulistas atingem o Maranhão ao Norte, o Paraná a Oeste e Tapes ao Sul atraídos pelas reduções jesuíticas. As reduções constituíram, apesar de aparentemente espanholas, uma outra ação colonizadora independente.



Uma nova linha de agir segundo um experimento singular. No interior do continente, entre selvas e rios, um grande sonho religioso toma forma, o estado teocrático, comunitário, fechado, restrito a normas sociais invariáveis e reguladas nos íntimos detalhes, trabalhando-se sôbre um povo rijo e apto a tudo receber. Tentativas iguais foram feitas no Amazonas mas sem atingir a profundidade e duração daquelas. Foi sonho que os bandeirantes desfizeram antes que o tempo o liquidasse, pois não podem subsistir civilizações sem intercâmbio e as formas políticas e sociais resultam de uma dinamização própria que não pode ser imposta de cima para baixo, de fora para dentro, em um só sentido.

Inapto o indígena ao sedentarismo agrícola e minerador, o negro é utilizado em larga escala. A escravidão, desaparecida na Idade Média, impera como um dos grandes negócios do século até a revolução industrial. A evolução humana faz-se também por retrocessos, por involuções.

O ouro (1695) e as pedras interiorizam o Brasil. Entumece-se, turge o conteúdo, interior; esvaziando-se o litoral, o continente. Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso adensam-se na afluência paulista, nordestina e reinol — os emboabas. As lides mato-grossenses são fixadas prolongando para o Norte os marcos decorrentes da caça ao índio no Paraná e no Tapes.

Aos centros consumidores das minas e catas, por intermédio das monções e das tropas afluem provindos do São Francisco, da Serra do Mar e dos planaltos e pampas sulinos, gêneros, gado, animais e mil utilidades e nessa ação aglutinadora semelhante à da guerra holandesa, processa-se a interligação regional.

O centro de gravidade até então nordestino desloca-se e começa o fastígio de Rio, o pôrto do ouro e mais apto que Salvador a comandar e prover os sucessos do Sul começados com Sacramento, e que vão percurrir até depois da Independência finalizando-se no equilíbrio de forças simbolizado pelo Uruguai.

Ao toque do ouro e das pedras a aparelhagem administrativa transforma-se passando a assemelhar-se, nas finalidades predominantemente arrecadoras e no emprêgo de processos policiais, ao sistema espanhol. O monopólio restrito que era o pau Brasil amplia-se e as taxas fiscais — o quinto, a derrama — a exclusividade no fundir, o fechamento das estradas, o severo contrôlo da população e outras medidas originam um ambiente pesado, desfavorável à metrópole e aos portugueses, eclodindo movimentos rebeldes nas Minas e nas regiões sujeitas ao estanco — Beckman, Mascates, Emboabas, Felipe dos Santos e Tiradentes obedecendo às causas e razões semelhantes as que, no Pacífico, sublevaram Manco Tapac, Tupac Amaru e Antequera.

Há um reverter nas situações. Ao entrar o Brasil na fase mineadora desequilibrando-se, em seu proveito, o esforço agropecuário, ocorria a caída da produção andina e lá os esforços voltaram-se para



atividades mais fixadoras e estáveis, o gado e a agricultura, começando a ascensão da Argentina e do Chile.

Ao despontar a independência norte-americana, influenciada pelas mesmas idéias derrubadoras do absolutismo monárquico, e para a qual cooperaram os espanhóis e franceses, a fragmentação do império castelhano já estava esboçada pelos vice-reinados.

As Audiências — tribunais que tornavam independentes o Poder Judiciário, substituíam os vice-reis e tratavam de finanças e de guerra e os Cabildos — órgãos legislativos locais semelhantes aos nossos Senado da Câmara, as Universidades e uma pequena imprensa exercem importante papel na independência e na estruturação dos vários países.

O império napoleônico ao usurpar o poder legítimo na Espanha abre nova conjuntura aos sul-americanos.

No NW aonde aconteceu a descoberta — e sujeito desde logo à influência americana — desponta o primeiro movimento libertador. Ao Sul, o Rio da Prata, ao repelir com os seus próprios meios repetidas invasões inglesas (1806 e 1807), toma idêntica atitude.

Ambos os movimentos pretextam fidelidade ao rei deposto, mas o suceder dos fatos desvenda o real motivo, a Independência.

No Alto Peru, aonde sempre foram maiores os interesses espanhóis, surge a reação. Uma luta feroz processa-se com alternativas várias, havendo fases em que o seu sentido era ofuscado por ações parasitárias reveladoras das incompreensões existentes na intimidade dos colonos ou dos metropolitanos.

Quando é possível às extremidades darem-se as mãos — Bolívar e San Martin — a causa espanhola cai consumando-se a independência e predominando as dissemelhanças econômicas e culturais, a fisiografia, o personalismo e o localismo, a estrutura dos vice-reinados cede, fragmenta-se ante o embrião das consciências nacionais.

A colonização brasileira atuando vivamente na foz do Prata e impedindo o aproveitamento de grande trecho do Rio Paraguai e a atitude guarani, introvertida e localista, em muito agravaram as precárias possibilidades de circulação, cooperando para o fragmentar do império espanhol.

No lado português, a vinda do Rei à Colônia à testa de um êxodo de cerca de 15.000 pessoas, criou conjuntura diferente. De golpe, os brasileiros compreenderam a nova situação face ao reino.

Houvera de fato uma inversão nos papéis políticos; como que a metrópole se colonizara. A abertura dos portos, o livre progredir nas indústrias e artes manufatureiras, a ação na Guiana Francesa e a política no Prata, cooperam na tomada do eu e, quando passado o vendaval napoleônico, esboçou a reação metropolitana, a independência surge a coberto de um membro da família real, quase sem luta, cabendo-nos porém não esquecer o havido no Maranhão, na Bahia, na Cisplatina, no Pará.



Houvera, lá e cá, no Pacífico e no Atlântico, a substituição da guarda política.

Ainda nos dias que correm o caminho da independência vem sendo tortuoso e difícil. Sucedem-se as lutas... O sonho, sustentado por Buenos Aires e em dado momento pelo Paraguai, de reconstituir o vice-reinado do Prata, obstado por nós e pelas antinomias regionais, mas que é o nosso pesadelo... O afastamento à força da Bolívia do mar... O entreverê chileno-peruano... A longa disputa, entre o Paraguai e a Bolívia, em torno de terras das mais ásperas... Os problemas fronteiriços entre as nações de Nova Granada.

E as lutas internas. No Equador ocorrem 18 constituições; a Venezuela através 52 movimentos revolucionários chegou a experimentar 11 constituições; a Colômbia aplica 7 cartas magnas resultantes de 70 matorcas. Ao rosário constitucional todos temos aportados várias contas.

Isso mostra que a Independência faltou o complemento a estabilidade política. Alcançar o perfil de equilíbrio por meio da evolução natural e continua em vez de transformar a anormalidade em processo normal, como a única forma dos povos se configurarem nos termos que devem passar a imperar, abandonando o que foi ou o que é.

Esse cachoar sobressaltado decorre de várias causas. Em grande parte exprime a preponderância dos fins e processos que presidiram a colonização e ainda estão presentes.

O regime econômico de caráter complementar é o fundamento básico da insatisfação. O seu reajustamento para atender às necessidades nacionais é o lento pois há incompreensões e dificuldades internas somadas à pressão externa dos interessados. Os próprios produtores, voltados para os mercados externos, são incapazes de verem o País através das suas necessidades reais e decorrendo da produção da riqueza e da divisão de seus resultados a organização social e a cultura, essas não são possíveis em forma estável e própria, em sistemas altamente concentrados.

Os funis econômicos, — do açúcar, do ouro, da borracha, do cacau, do café, do estanho, do petróleo, — apontam para o mar, atentos à contra-costa, os dorsos voltados para o hinterland e assim são incapazes de cooperarem na formação, física e espiritual de um conjunto pátrio com a suficiente capacidade circulatória de integração e no nosso caso um distinto camarada, o Coronel Golbery, estudando o aspecto dos transportes, sintetizou o assunto em forma segura, definindo um núcleo central fracamente unido às penínsulas nordestina, do centro-oeste e sulina e completamente desligado em relação à ilha amazônica.

A prosperidade ou a depressão apresentam-se de chôfre, pois flutua-se em bruscas mutações ao sabor de necessidades estranhas, e grandes levas populacionais vivem migratôriamente ao encaço de mercados de trabalho variáveis.



Outros tropeços existem e alguns exemplos brasileiros, mesmo tratados sucintamente, guardadas as proporções podem dar uma idéia de certas dificuldades sul-americanas.

O Brasil é um País continente, é a última grande área ocidental disponível e tem capacidade para, a curto prazo, evoluir em ritmo acelerado desde que resolva, a tempo, alguns problemas.

A onda demográfica mal adentrou-se a 500 quilômetros no território, continuando-se a manter um acentuado caráter marítimo e nessa faixa de maior densidade ocorrem os significativos claros do sertão deumonetizado, arcaico e índio em seu viver de extrema miséria desconhecida dos dirigentes — isolando as ilhas de potencial demográfico e econômico. As fronteiras — geográfica, política e econômica — não se superpõem, a área é delimitada mas não ocupada.

A população em relação a superfície é pequena e irregularmente distribuída, mas apresenta grande índice de crescimento pesando a massa jovem sobre as gerações mais velhas. A estimativa para 1980 prevê 100 milhões de habitantes em grande parte natos nas regiões mais pobres, pois as proles numerosas são filhas da “mãe cabocla”.

Em 1954 o Brasil econômico (SE e S) abarcava 17% da área total, 60% da população e produzia 80% da renda, enquanto no superpovoado NE com 15% da área total sediavam-se 31% da população com 13% da renda, e as subpovoadas zonas N e CW abarcando 60% da área albergavam 10% da população produzindo 5% da renda nacional.

A conseqüência dessa disparidade de valor agravada pelo crescimento demográfico é uma intensa migração das áreas mais pobres (6% do NE e 15% do CW, em 1955) em busca, ao S e à SE, de uma Canaã que não existe e se parte é absorvida pelas zonas pioneiras grande número permanece nas cidades da costa dificultando por sua atuação parasitária — os problemas urbanos.

A crise vem se agravando e é necessário para remediá-la ampliar a superfície econômica equilibrando ou reduzindo o desnível entre as áreas terminando-se assim com a perigosa situação social presente em que a população divide-se em “ter ou não ter”, pior ainda “ver e não possuir”, “almejar e não alcançar”.

Ocupar o espaço geográfico; conduzir a economia à sua função social; nivelar e interligar as regiões; resolver problemas raciais em certos países; criar intercâmbio econômico e cultural entre as nações, são os problemas mais prementes a solucionar para que passemos a possuir cultura própria, ameríndia, fruto de nós mesmos e uma configuração que nos assegure a estabilidade política e influência positiva nos negócios do mundo.